

*Plenilúnio, de Lêdo Ivo**

Linhares Filho

O livro *Plenilúnio*¹ de Lêdo Ivo, com 47 poemas escritos entre 2001 e 2004, constitui, a partir da sugestão do título, que também nomeia o primeiro poema com variadas e subjetivas visões sobre a lua, a plenitude de um legado artístico, espécie de realização plurívoca ou conclusiva missão poética ante a consciência de finalização existencial, sinalizada esta pela neve e o silêncio:

E a neve cai em mim e cai na desolada
Noite escura da alma, a neve do silêncio,
a imaculada e frígida alvura do nada. (p. 1027)

Há uma aparente contradição na imagem da neve, no soneto de que provêm esses versos: ela se compara com “um branco seminal”, portanto fecundo, e com o branco do nada, que é esterilidade, mas explica-se o contraditório, porque o nada toma-se motivo da própria criatividade, que o supera.

No livro há várias sugestões da vivência de uma quadra última do existir, impregnada de desencanto, dispersão, oscilando a proposta poética entre a aceitação ou o registro do não-ser e a reação ou o desafio, às vezes mascarados os dois últimos, à circunstância existencial. Assim é que, se, por um lado, encontramos poemas como “Soneto da Porta” (p. 1043) e “Água Fria”, (p.1042) com um tom a denunciar fracasso e desilusão, lemos outros, como “Soneto Injuriioso”, (p.1 041) “O Vencedor” (p.1047) e “O Desejo”, (p. 1063-1064) que revelam uma reação de ânimo desafiador ou, pelo menos, velador de decepção ou impossibilidade.

Em poemas como “O Perdedor” (p. 1040) surge a proposta de uma atitude intermediária. Apresenta-se aí um ânimo frustrado, uma situação de quem não se achou, buscando remediar o fracasso, (sendo esse um caso de aproveitamento da própria perda como motivo de evasão), e precaver-se para não perder mais, o que é uma atitude de esperança:

Quem já vai perdido
deve ter cuidado:
não perder a perda
que é o seu achado.
Já que perdeu tudo,
não perder mais nada. (p. 1 040)

O “cuidado” que se focaliza nesse poema reaparecerá, insistentemente, no poema exortativo, portanto didático, intitulado “Recomendações de Ano Novo”. (p. 1059-1061) Tal composição traz o tom da didática de poemas de *Estação Central*, como se constituísse um compêndio de últimas advertências ao filho do poeta, a quem se dirigem ensinamentos nesse livro, mas elas podem referir-se ao próprio eu lírico, tratado em segunda pessoa. As admoestações do poema em foco são freqüentemente no sentido de fuga a coisas e situações ligadas à morte como na primeira estrofe, em que a figura do ladrão evoca o da advertência bíblica:

Mais uma vez devo dizer-te:
cuidado com o ladrão
que se aproveita da escuridão
para pôr a mão gelada
no teu coração. (p. 1059)

Os objetos do cuidado selecionam-se segundo uma ótica subjetiva, e alguns se designam por palavras terminadas em “ão”, daí o teor da derradeira estrofe, que revela uma fuga obsessiva, como se fosse a fuga a um fantasma:

E, finalmente, te digo:
tem o maior cuidado
com tudo o que termina em ão
mesmo a palavra de cinza
que é a tua cremação. (p. 1061)

Lcíamos o “Soneto da Porta”:

Quem bate à minha porta não me busca.
Procura sempre aquele que não sou
e, vulto imóvel atrás de qualquer muro,
é meu sósia ou meu clone, em mim oculto.

Que saiba quem me busca e não me encontra:
sou aquele que está além de mim,
sombra que bebe o sol, angra e laguna
unidas na quimera do horizonte.

Sempre andei me buscando e não me achei.
E ao pôr-do-sol, enquanto espero a vinda
da luz perdida de uma estrela morta,

sinto saudades do que nunca fui,
do que deixei de ser, do que sonhei
e se escondeu de mim atrás da porta. (p.l 043)

Trata-se de um texto de profunda dimensão existencial-ontológica. Versa o tema da dispersão. E Ivan Junqueira aproxima-o acertadamente do Sá-Carneiro que alude ao “labirinto”² que é, e que está justamente no poema “Dispersão”.³ A primeira estrofe apresenta o poeta confessando esconder-se diante daquele que o busca. A segunda estrofe mostra que a essência do poeta está “além” de si mesmo. E surgem as belas metáforas dos dois derradeiros versos da estância. Parece construir-se nesta, ainda, um modo ativo de quem não se quer entregar. Mas na estrofe seguinte aparece o verso chave, em que declara o poeta não se encontrar a si mesmo: “Sempre andei me buscando e não me achei.” A “luz perdida de uma estrela morta” pode referir-se à perda da amada. O primeiro verso da última estrofe constitui o processo da “presença da ausência”, próprio da poesia pura de Mallarmé, além de lembrar as saudades de inexistências de Sá-Carneiro.⁴ Os dois versos finais sugerem a essência do poético, a qual coincide com o sentido de ser e da realização humana, e que ficou talvez latente no menino e acaso brincava com este de esconde-esconde “atrás da porta”, repercutindo isso no adulto.

Observemos “O Vencedor”:

Quero tudo a que tenho direito,
desde o laivo que arroxia o pôr-do-sol
ao peixe que se debate com o anzol
na minha pescaria imaginária.

De nada abrirei mão enquanto estiver vivo.
Reclamo tudo o que for em meu proveito,
desde uma mulher nua estendida no meu leito
à água casta que corre por entre os seixos.

Tenho um horror sagrado aos que não querem nada,
não gostam do crepúsculo nem de uma boa salada
de rúcula, cebola, alface crespa e tomate.

Sei que a vida não passa de uma luta renhida.
Quando acordo, já estou pronto para o combate
e sempre levo os outros de vencida. (p. 1047)

Psicologicamente, esse poema parece máscara de triunfador aparente, lembrando a atitude do pícaro, do anti-herói, a blasonar qualidades, e opondo-se a poemas reveladores de fraqueza e dispersão como o “Soneto da Porta” recém-estudado e “O Espantalho”. (p.1049) Constitui uma confissão lírica e realista de ambicioso e lutador com sentimentos pouco nobres e não disposto a renúncias, consciente de que o homem é lobo do homem. O cotidiano prosaico da terceira estrofe é expediente próprio do Modernismo, e o poético do texto está sobretudo na confissão inusitada e franca de tais sentimentos, mais evidentes em processos pós-modernos.

Em “Nascimento” (p. 1054) depara-se outra face do poeta. Primeiramente, a ausência extrema de algo faz crer no seu oposto: “Diante do gelo / acredito no fogo” [...] “Diante da chuva / acredito no sol”. Depois, vem o testemunho do que é passageiro, da própria morte. Finalmente, ocorre a solidariedade inarredável. A constatação do mútuo sugere um sentimento talvez de medo ou necessidade de ajuda: “Vamos de mãos dadas / no caminho longo // entre a chuva e o sol, / entre o gelo e o fogo.” Esses sentimentos completam-se com os de “Mesmo Quando Sozinho”, (p.1056) onde a consciência comunitária existe, sobretudo na participação da dor humana: “E fluido como a água e duro como as rochas / estou sempre onde está a dor do mundo. / Mesmo quando sozinho, caminho entre os homens.”

Observemos “Minha Pátria”. (p. 1027-1028) Há aí metáforas presas a uma ótica subjetiva, formando uma alegoria. Lê-se: “Minha pátria não é a língua portuguesa. / Nenhuma língua é a pátria. / Minha pátria é a terra mole e peganhenta onde nasci / e o vento que sopra em Maceió.” Vê-se que a mola provocativa da gênese do poema é a conhecida declaração de Fernando Pessoa: “Minha pátria é a língua portuguesa.” Acontece no poema, por ser Lêdo Ivo afeito a comportamentos criativamente antitéticos, uma réplica à declaração pessoana. Afinal, ambos os poetas, em suas peculiaridades líricas, têm razão, como tem razão a atitude dialética de cada personalidade pessoana, todas objetivando traduzir a diversidade cósmica.

O presente livro de Lêdo Ivo abriga, sem prejuízo da novidade criativa, uma reprodução, até certo ponto, das várias tendências do poeta, assumidas ao longo de sua trajetória. Assim é que o poema em estudo autotextualiza-se

com a peça “Minha Terra” (p. 527-529) e outras de *Finisterra*, livro em grande parte dedicado às origens telúricas do autor.

Em “O Porta-Voz” (p. 1028-1029) a missão de ser poeta é exercida amplamente. O poeta é aí mostrado como um mensageiro, um Hermes, um intérprete, alguém que usa a voz, a palavra. Destaque-se a subjetividade prosopopéica: “As estrelas se curvam / para ouvir o que digo / na noite iluminada.” Porque o poeta é todo verbo até latentemente, escreve: “Mesmo quando estou mudo / ouço em mim a torrente / da voz inestancável.” E, falando “em nome dos amantes”, segue, nestas sugestões eróticas: “Guiando a mão que encontra / a água de um mar escuro / na concha entreaberta.”

Sente-se que “Sombra Perdida” (p.1032) é um poema simbólico: “Perdi a minha sombra / no caminho entre as árvores.” Trata-se de algo íntimo e precioso? Possivelmente da companheira. Apresentam-se belamente inquirições prosopopéicas a aspectos do ambiente sobre a sombra do eu lírico: “à fonte fria”, “ao rio claro”, “ao sol que me ilumina”. O tom romântico do texto contrabalança com outras posições do poeta em outros poemas, as quais se inclinam para soluções realistas, inclusive com o final da presente composição, de uma simbólica que forja a idéia realista de morte: “há sempre à tua espera

/ um grande rio escuro / — um rio de águas frias.”

“O Mormaço” (p.1033-1035) constitui uma volta ao clima de *Finisterra*. Poema telúrico, em que o poeta inveja facetas da terra e identifica-se com ela, sugerindo ser sua pátria sua Macció. Predomina no texto a incidência do sensorial através da concretização do abstrato e, depois de uma visão subjetiva, descrevendo algo inefável (estrofes nona e décima), ocorrem símiles e uma metáfora identificadora do poeta com sua terra: “Como o fogo e a água/ sou o meu lugar de nascimento.”

“O Inseto” (p.1044) traz jogos de contrastes que lembram certa dicção pessoana, que se encontra noutros poemas do autor. Esse poema revela a relatividade do mundo, feito de “claro” e “escuro”, de “tudo” e “nada”, de “sombra e claridade”, de “sol” e “chuva”, de “pedras e pétalas”. Talvez o desencantado e pessimista ânimo do poeta seja o de quem descobre o lado imperfeito da vida ou do universo, querendo mostrar realistamente que este não é só esplendor:

O instante é um inseto imóvel
na grama que cobre a erosão
do tempo sempre desnudo.

Mundo de raios e relâmpagos!
O esplendor da vida vã
rasteja na escuridão.

O senso do real no poeta leva-o a avaliar diversos ângulos da vida no poema "A Realidade" (p. 1036) através de símiles algo irreverentes e/ou desmistificadores, formulados por uma ótica subjetiva, de tal modo que o real pode ser tão absurdo que força a normalidade, como o de "Uma palavra sexual", que "é tão real como o trem / que atravessa o laranjal." Propõe-se que tanto o sublime como o grotesco, dependendo da situação, podem ser reais: "Como a lágrima vertida / durante um funeral / ou uma banana // tudo é real no mundo". E, assim, a realidade concebida pela visão poética, como a do presente poema, chega a marcar-se pela espera da novidade, talvez da transformação, como a descrita nos versos terminais do poema, segundo os quais o mundo "vive sempre à espera / de uma aurora boreal."

No presente livro, Lêdo Ivo sugere prender-se, em várias composições, à idéia de despedida da vida, como que conscientizando encontrar-se na "Estação Final", (p. 1035) título de poema cujo significado dialoga com o do livro *Estação Central*, (p.433-521) volume que registra uma quadra intermediária da vida do autor, com poemas preocupações sociais, panoramas de viagens e com o nascimento de um filho, ocorrência focalizada na parte "Chegamento do Varão". (p.483-521) "Estação Final" apresenta um recorte subjetivo da realidade, vista através do signo do silêncio, palavra repetida anaforicamente, em várias frases condensadas, mercê da eclipse verbal, até a frase última e definitiva, o verso conclusivo, que modela a morte: "o silêncio dos lábios calados para sempre."

Não só nesse poema, mas ainda em outros de *Plenilúnio*, como já afirmamos, o poeta vislumbra o fim próximo. Destarte, várias vezes se encontra em meditações sobre o contraste entre a exuberância da vida a seu redor, representada pelo "esplendor desperdiçado", (p. 1037) e a verificação da "batalha perdida". (Ibidem)

A recorrência ao silêncio e o *Leitmotiv* da "estação" aparecem ainda no "Soneto Injuriioso", (p.1041) em que até com palavra ("velha puta escrota") se refere à morte:

O silêncio sucede ao barulho infernal.
Assim será a morte, assim será o dia
em que a morte virá, fria como uma jia,
trem que pára afinal na estação terminal. (Ibidem)

Em “Água Fria”, (p.1042) a frieza apaga o próprio fogo do amor, porque “Assim é a morte. / A água fria apaga / O fogo que ardia.” (Ibidem) Enquanto isso, no “Rumo à Praia” (ibidem) há ignorância de ser, há especulação e incerteza. Procurando-se a si mesmo, o poeta. confessa-se “perplexo” em seu caminho, “antes que tudo em mim em mim se esvaia”.

Na idéia obsessiva da morte, até o “Fogo crematório”, (p. 1048) no poema sob esse título, focaliza o poeta. Aí se encontra a constatação do efêmero, do enganoso, do funéreo. E, enquanto na peça “O Interesse”, (p. 1050) o autor exorciza o pássaro que lhe parece “escarninho”, surgido “na manhã irônica”, expressão rica pela hipálage, opta pela idéia oposta à de morte, a de vibração vital, idéia representada pela abelha, que conduz o “zumbido da vida” e transmite-lhe “uma lição de mel”.

Leiamos “O Espantalho”, (p. 1049) anterior ao recém-estudado texto, e que se insere no âmbito dos poemas que, no livro em causa, Se relacionam com a contradição entre a vida e a morte, a partir de reflexões campestres:

O dia me espera no campo
como um espantalho
E seu fulgor já me cansa.

Aspiro à escuridão,
ao grande silêncio maternal
que antecedeu a todos os estrondos.

Não suporto mais as coisas claras.
Como na infância, quero esconder-me
de todos e de mim mesmo.

Mulher, último refúgio da noite,
é em ti que me escondo
no dia incomparável. (p. 1049-1050)

O poema é de rendição. O desânimo do poeta está longe da empáfia do estudado “O Vencedor”. (p. 1047) Há nesse outro texto o cansaço da cla-

ridade e o desejo de recolhimento. O dia, personificado, espanta-o com o “seu fulgor”, como se a luz penetrasse no íntimo do poeta para revelar segredos, salientar torturas, desvelar mazelas, fracassos ou sofrimentos. A segunda estrofe revela comovidamente o anseio de colo e mesmo de útero, do antigo menino que o adulto não esqueceu. Na terceira estrofe a fuga de si mesmo mostra a dispersão ôntica, que lembra a brincadeira de esconde-esconde, suscitada pelo “Soneto da Porta”. (p. 1043)

Na última estrofe, partindo da apóstrofe e da bela metáfora, o poeta, sentindo-se adulto, apela para a Mulher, a quem recorre como derradeiro abrigo para consolo; a ela, que, como verdade psicológica profunda, substitui a Mãe nas adversidades do “dia incomparável”, transpostas todas as possíveis barreiras edípianas. Claro está que a articulação da quarta estrofe com a segunda autoriza-nos a pensar não apenas na figura da Mulher como substituta espiritual da Mãe conselheira e conciliadora, mas também na figura daquela como objeto de libido consciente, substituto do prazer inconsciente da fase intra-uterina.

“Canção de Embalo” (p. 1057) é poema de tom proverbial por seus conceitos. De espírito ou clima neo-simbolista no ritmo e vocabulário. Trata da perda fluida da vida, que se evapora, segundo a ótica do poeta, num embalo efêmero e num desejo anônimo: “Quem vive perde a vida / levada pela brisa. [...] E assim a vida vai / e assim a vida vem: // aragem, maresia, /suspiro de ninguém.”

“Antes e Depois” (1061-1062) constitui metafísica do futuro. Apresenta o tempo previsto por quem, algo desencantado ou entediado, sente que já viveu tanto e sabe com antecedência o que virá: “Debaixo do sol / ou junto do farol / o que vem depois / é o que vem antes.” No jogo do tempo, tudo é tão efêmero: “O amanhã passou / e durou um instante”. Ocorre mesmo uma antecipação do futuro: “O fantasma existe / antes do castelo./ Antes que te mires / já estás no espelho.” Valoriza-se no poema o tempo psicológico em confronto com o cronológico e chega-se à concepção do antegozo e do pós-gozo: “O orgasmo acontece / muito antes que os corpos / se unam nas camas./ Só depois do fim / começa o começo / carta sem carimbo / e sem endereço.” Reflexões como as desse poema só concebe a sensibilidade madura de um grande poeta.

A busca de Deus na Natureza, do inseto às constelações, é o que se verifica no poema “Uma Busca Incessante”. (p. 1062-1063) No limiar entre a vida e a morte cabe como nunca a meditação sobre Deus, que encarna o eterno, por parte de quem, como um livre pensador e com a força do poder

poético da linguagem, já especulara esse tema nos vários poemas ora angustia-
dos, ora irreverentes de “Vida de Sempre” no livro Noite Misteriosa. (p. 671-
686) A mesma angústia existencial da busca daqueles poemas acontece aqui:
“Ainda não desisti de encontrar Deus.” E, dedicando “o dia inteiro à procura
incansável”, desconfia que Deus se “esconde” sob as “asas” do “gavião” ou sob
a “sabedoria” dos “sonhos”. Evita “pisar a formiga negra”, pois Deus pode nela
adotar “um de seus dismrces”. Contudo conclui que “Deus passeia incólume
entre as constelações”.

O último poema de Plenilúnio, “O Desejo”, (p. 1063-1064) representa
uma explosão de revolta subjacente na sua escolha do que é passageiro, na apa-
rente conformação com o efêmero. Trata-se da máscara criativa de quem no
íntimo cultiva a altivez diante do fim próximo. Ocorre o que, em Psicologia,
se chama racionalização, um mecanismo defensivo do ego. O da fábula d’ “A
Raposa e as Uvas”, de Esopo, o mesmo adotado por Ricardo Reis, heterôni-
mo de Fernando Pessoa. Pela elevada significação do poema, transcrevamo-lo
na íntegra:

Não quero a eternidade,
a trama interminável
de uma roca que fia
um dia após um dia
na duração perpétua.
Quero ser o que passa:
a leve nuvem branca
que se desfaz no espaço,
a fumaça de um jato
no céu vazio e claro.
Não me agrada ou seduz
viver após viver.
Antes quero o relâmpago
que rasga o céu sombrio,
uma folha de álamo
no chão de uma viagem
e a chuva momentânea
que cai sobre as cidades.
Prefiro um vôo de pássaro
a tudo o que é eterno.
A tudo o que é durável
prefiro o perecível:

a sombra fugidia
no dia luminoso
dos narcisos e rosas;
os instantes que regem,
na noite indecorosa,
o amor dos amantes,
seus gritos e gemidos;
a pétala fugaz
ferida pelo outono.
Contenta-me o trajeto
entre uma porta aberta
e uma porta fechada
em plena madrugada
ou na manhã mais cândida.
O meu Deus é relâmpago,
o breve esplendor
antes do grande sono.
Recuso-me a durar
e a permanecer.
Nasci para não ser
e ser o que não é
após tanto sonhar
e após tanto viver.

Essa página atinge de modo digno a catarse. Pretende disfarçar o trágico e porta belamente uns traços elegíacos confundidos com uns laivos epopéicos. Como no poema “O Vencedor”, (p. 1047) que parece disfarçar a ineficiência ou fraqueza, acontece na presente composição o possível fingimento de o poeta não querer ser eterno, e esse é o ponto mais criativo desses versos através do elogio metafórico, muitas vezes com o cultivo do sensorial. Essa fingida escolha do eremero é que se constitui não apenas numa catarse do livro, mas da obra poética de Lêdo Ivo, que, como que constrói uma resposta altaneira contra a vida madrastra, um como desafio de quem quer sentir-se um vencedor, “recusando-se a durar / e a permanecer” como um Miguel Torga, que se declarou “dono das minhas horas”.⁵

Diante da morte esperada próxima e “aceita” pelo poeta como “vazio do mundo / após a palavra / que quis dizer tudo / e não disse nada”, (p.686) lêem-se os quatro últimos versos de “O Desejo” como a confissão final do de-

sencontro e dispersão existenciais (“Nasci para não ser”) ao lado do fingimento poético (“e ser o que não é”) na exaustão do poetar e do existir (“após tanto sonhar / e após tanto viver”). Não obstante a sugestão de cansaço de viver, permanece o repto da recusa, mascarando o desejo do poeta de eternizar-se.

Mas, ao contrário do que afirma Lêdo Ivo, achando que “não disse nada”, os seus leitores são levados a entender que disse tudo o que um alto poeta se destinou a dizer, de tal forma que ele ficará não como um relâmpago, que é passageiro, mas como um permanente clarão nos céus da Literatura Brasileira e da Poesia do mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

¹ IVO, Lêdo. *Obra completa: 1940-2004*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2004.

² Cf. JUNQUEIRA, Ivan. Quem tem medo de Lêdo Ivo? In: IVO, Lêdo. *Ibidem*. p.42

³ SÁ-CARNEIRO, Mário de. *Poesias*. Estudo crítico de João Gaspar Simões. Lisboa: Ática, 1973. p. 61-65

⁴ *Ibidem*. p. 64

⁵ TORGA, Miguel. *O outro livro de Job*. Coimbra: Coimbra Editora, 1958. p. 84